

Priscila Danilla Martins

*Centro Universitário Anhangüera
Pirassununga*

pdanilla@ig.com.br

Joice Ayres da Silva

*Centro Universitário Anhangüera
Pirassununga*

joiceaires@bol.com.br

Lidielem Rosires Mello

*Centro Universitário Anhangüera
Pirassununga*

lidielem-mello@bol.com.br

Regina Helena Moraes

*Centro Universitário Anhangüera
Pirassununga*

regina_moraes@hotmail.com

Anhanguera Educacional S.A.

Correspondência/Contato
*Alameda Maria Tereza, 2000
Valinhos, São Paulo
CEP. 13.278-181
rc.ipade@unianhanguera.edu.br*

Coordenação
*Instituto de Pesquisas Aplicadas e
Desenvolvimento Educacional - IPADE*

Artigo Original
*Recebido em: 30/6/2008
Avaliado em: 18/8/2008*

Publicação: 19 de novembro de 2008

LEITURA: OLHOS, MENTE, ENTENDIMENTO - DO PROCESSO DE DECODIFICAÇÃO GRÁFICA À ATITUDE

RESUMO

O presente estudo faz uma revisão bibliográfica sobre a questão da leitura, que é habilidade crucial para que o indivíduo possa ler o mundo em suas mais variadas formas de linguagem. Os temas discutidos passam pela importância do ato de ler e a formação do leitor, além de discutir a compreensão do processo de crise nas escolas brasileiras. Pela análise da literatura, percebe-se que, muitas vezes, a leitura está reduzida à indicação de livro, da preferência do professor, sem que haja entre ele e o aluno um processo dialético de construção da habilidade de ler. Conclui-se que é importante se estimular a habilidade da leitura em suas várias formas de linguagem para que o indivíduo tenha condições de conhecer, entender e participar do mundo em que está inserido. Entende-se, por fim, que a leitura é forma de aprendizado, de autoconhecimento, de entretenimento e, principalmente, é forma de desalienação e libertação.

Palavras-Chave: Leitura, importância do ato de ler, crise de leitura na escola.

ABSTRACT

This study is a literature review on the issue of reading, that ability is crucial for the individual can view the world in its most varied forms of language. The topics discussed are the importance of the act of reading and training the player, in addition to discussing the understanding of the crisis in Brazilian schools. By analyzing the literature, we find that often the low reading is an indication of the book, the teacher's preference, unless there is between him and the student a dialectical process of building the ability to read. It follows that it is important to stimulate the ability of reading in their various forms of language to which the individual is able to know, understand and participate in the world where he belongs. It is understood, finally, that reading is a means of learning, of consciousness, entertainment and, above all, is how to release and self-actualization.

Keywords: Reading, importance of the act of reading, crisis of reading in schools.

1. INTRODUÇÃO

"Na vida de cada leitor existiu, quando criança, um adulto que o introduziu no mundo dos livros" (Marisa Lajolo).

A educação brasileira vem apresentando dificuldades para preparar cidadãos capazes de participar, como sujeitos históricos, do processo de desenvolvimento e modernização do mundo atual. Analisando o contraste entre o desenvolvimento do mundo contemporâneo e a situação da educação no país, percebe-se a importância da função da leitura na formação de cidadãos capazes de produzirem seus próprios conhecimentos e atuarem conscientemente em sociedade.

No Brasil, de modo geral, a leitura não é priorizada. Segundo reportagem eletrônica da Agência do Senado Federal:

A baixa escolaridade, alto índice de analfabetismo, livros caros, renda insuficiente, ausência de bibliotecas e espaços de leitura, acervos inadequados ou desatualizados. São várias as explicações para o baixo índice de leitura do brasileiro - em média, 1,8 livro por ano. Todas essas razões influenciam o hábito da leitura e devem orientar as ações do poder público, das escolas e da sociedade para mudar o quadro atual, melhorando o acesso aos livros e estimulando a leitura¹.

Diante do fato, percebe-se claramente que o ato de ler é uma competência muito importante que está sendo relegada pela escola brasileira. Além disso, há de se frisar que o hábito da leitura, se não for desenvolvido, fará com que a sociedade brasileira fique aquém em relação aos países de primeiro mundo e, certamente, não perceba as ideologias perversas que a permeiam. Um homem sem leitura será sempre um marginal e a consciência crítica que deveria ter enquanto cidadão pode ser transformada em consciência de alienação. Merani (1972), citado por Silva (1988, p. 23), falando sobre o papel social da leitura, diz:

[...] o processo de leitura apresenta-se como uma atividade que possibilita a participação do homem na vida em sociedade, em termos de compreensão do presente e passado e em termos de possibilidades de transformação cultural futura. E, por ser um instrumento de aquisição e transformação do conhecimento, a leitura, se levada a efeito crítica e reflexivamente, levanta-se como um trabalho de combate à alienação (não-racionalidade), capaz de facilitar ao gênero humano a realização de sua plenitude (liberdade).

O ato de ler não se restringe à identificação de palavras, o leitor precisa compreendê-las, interpretá-las, precisa relacionar sua leitura com o mundo a sua volta, re-tendo o que lhe for mais relevante.

Para Freire (1989, p. 15) a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra. O ato de ler se dá em sua experiência existencial e implica na percepção crítica, in-

¹ SENADO FEDERAL. **Brasileiro lê pouco**: baixa renda é uma das causas. Disponível em <<http://www.senado.gov.br/comunica/agencia/cidadania/leitura/not01.htm>>. Acesso em: 06 jun. 2007.

interpretação e re-escrita do lido. A leitura não se limita na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas se antecipa e se alonga às necessidades e vivências. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. Daí a importância de se conhecer os processos da leitura, bem como entender a crise pela qual passa a escola em relação ao desenvolvimento do hábito de leitura em seus alunos. Somente através desse conhecimento poder-se-á ter elementos para a efetivação de um trabalho consciente em sala de aula.

O mundo contemporâneo, o capitalismo, oferecem muitas condições de diversão, muitas delas coletivas, ficando, assim, a leitura (que exige o ser interior, solitário) para segundo plano. Além desses, há outros fatos que colaboram para o não desenvolvimento do leitor, como a questão do bom livro, que propõe algo novo e interessante. Na escola, por exemplo, o modo como é inserido tem mão única, ou seja, o professor indica um livro de sua preferência para o aluno e ainda tem-se uma situação muito pior que é aquela em que o próprio professor não gosta de leitura e, conseqüentemente, não lê. De acordo com Possenti (1994, p. 30), em seu artigo "Pragas da Leitura": "leitores se fazem ao acaso, embora seja preciso dar chance ao acaso".

Buscando o entendimento sobre o cerne deste estudo, encontra-se que:

Se é verdade que leitura, antes de mais nada, é processo de interlocução; se é verdade, como aliás já apontamos, que o imaginário pessoal e coletivo se desenvolve a partir do convívio com o grupo social e por força das experiências prévias de mundo de cada um; se é verdade também que a necessidade de ficção é um imperativo categórico para todos os indivíduos, por que então não atentar para essas dimensões todas que a leitura pode ajudar a construir, ao se propor um trabalho da escola nessa área? (ROCCO, 1994, p. 41).

O artigo basear-se-á nas discussões propostas por vários autores que versam sobre a questão da leitura. Os autores pesquisados afirmam que a principal função da leitura é a comunicação e que é através desse processo que o leitor entende o mundo, desenvolve sua cidadania e passa a viver melhor. Assim, baseando-se nos trabalhos de tais autores, traça-se, aqui, algumas considerações sobre:

- a importância do ato de ler;
- o que é leitura;
- a crise da leitura;
- a formação do leitor.

O presente estudo terá caráter qualitativo. Primeiramente será feito um levantamento de diferentes fontes acerca do tema "Leitura"; posteriormente, realizaremos uma revisão bibliográfica a partir dos pressupostos de vários autores que tratam sobre a questão primeira deste trabalho, ou seja, a leitura.

2. A IMPORTÂNCIA DO ATO DE LER

Por que a leitura é importante? Para muitos, essa pergunta pode parecer tola, mas, na realidade, ela não o é. Vive-se num período denominado de “era tecnológica”, em que se está exposto a todo tipo de mídia, quando se fala em meios de comunicação. Hoje, a comunicação vai do Brasil ao Alasca; através do computador, conseguimos ver, simultaneamente, pela televisão, um acontecimento importante, sem falar no rádio e na imprensa escrita. O mundo passa por constantes transformações, o fluxo de novos conhecimentos é intenso e imenso e, por isso, precisa-se, na atualidade, estar “atenado”, não só com as novas tecnologias como também com as informações veiculadas a todo o momento.

Segundo Rocco (1994, p. 40) quando a era dos vídeos começou a aparecer, acreditava-se que os livros estavam com seus dias contados, baseando-se nos pressupostos de que a imagem bloqueia a leitura. Trata-se de um pensamento limitado, pois a imagem pode estimular a leitura. Visual e escrita interagem na busca de respostas, sendo que a leitura e a escrita aliam-se ao cinema, à TV e ao vídeo na tentativa de captar e explicar melhor este nosso mundo que se expande mais e mais a cada dia. Mas, o que isso tem a ver com a leitura?

Para responder tal questão, parte-se do princípio que “saber ler” é habilidade primordial para que se consiga estar a par dos acontecimentos passados e atuais, para que se saiba analisar situações das mais diversas e, conseqüentemente, para o homem poder considerar um cidadão, no sentido lato da palavra, ou seja, um “indivíduo no gozo dos direitos civis e políticos de um Estado, ou no desempenho de seus deveres para com este” (BUARQUE DE HOLANDA, 2000, p. 1). E somente se consegue gozar, usufruir de direitos, quando se também consegue ler o mundo e as suas mais diversas formas de linguagem. Tomando como exemplo as palavras de uma articulista, em artigo publicado em o *Estado de São Paulo*:

E é o direito à cultura que garante e defende os outros direitos, já que o homem sem cultura é sempre enganado e explorado. Pode ser explorado pelo capitalista e pode ser explorado pelo falso revolucionário. Pode ser iludido pelo patrão a quem dá o seu trabalho e pode ser iludido pelo governo a quem dá o seu voto. Pode ser enganado pela propaganda política e pode ser enganado pela propaganda comercial. (NDRESEM, 1982, grifo nosso).

No artigo jornalístico, Andresen (1982) discute a questão da importância da cultura, que pode ser também entendida como a importância da leitura, pois, sem ela, o ser humano estará sempre nas mãos daqueles que detêm o poder. Daí a importância da leitura.

Uma sociedade que domina a leitura e a escrita tem conseqüentemente o dever de estender e garantir politicamente o domínio de tais atividades a todos os seus cidadãos. Entra aí o papel da escola, que deve planejar esse direito, porém sem abrir mão das contribuições de outras matrizes geradoras de educação, como, por exemplo, a família, a sociedade e até dos próprios veículos de massa.

Ler, não apenas como habilidade de decodificar grafemas e palavras, mas sobretudo como habilidade de interpretar a realidade, podendo assim analisá-la, compreendê-la e/ou criticá-la, é aspecto preponderante para que o homem seja, verdadeiramente, homem.

A leitura é de importância crucial para todo ser humano, pois é através desse processo que o leitor aguça a razão, a criatividade, desperta o espírito para a reflexão, para a compreensão de si próprio, de sua cultura e de outras diversas.

Ao ler, o indivíduo promove um diálogo com o texto, com a informação e com o mundo. Desenvolve uma dimensão crítica, reconhecendo-se como sujeito histórico participante da evolução e do desenvolvimento da sociedade moderna. Em *Como e por que ler os clássicos universais*, Machado (2002) diz que:

[...] tradicionalmente, a leitura devia ser para poucos porque ela é sempre um elemento de poder e podia ameaçar as minorias que controlam os livros (e o conhecimento, o saber, a informação). Esses ideais de alfabetização para todos e acesso amplo aos livros são muito recentes na história. (MACHADO, 2002, p.18).

Mesmo diante da constatação da necessidade de se ter acesso aos livros e, conseqüentemente, à leitura, ser ponto recente dentro da sociedade brasileira, não se pode negar que há urgência em caminhar em sentido oposto, ou seja, possibilitar o acesso ao livro, principalmente, àqueles de menor poder aquisitivo – a grande massa populacional. Entretanto, mesmo sabendo de tal emergência, ainda se tem o elevado custo dos livros, bibliotecas públicas mal equipadas, sem falar nas escolares, que, muitas vezes, são ainda inexistentes no interior da instituição escolar.

Ter acesso aos livros e à leitura é primordial, porque o prazer proporcionado pela leitura não é apenas a satisfação mais simples e superficial que podemos obter, mas a imersão no desconhecido, a exploração da diversidade nos possibilita o conhecimento do nosso próprio ser. Ler é herdar conhecimentos para utilizarmos em nossas vidas e facilitá-la. É um direito de todo cidadão. Daí a importância do ato de ler.

Machado (2002, p. 20) coloca uma importante concepção sobre o ato de ler. Ela se remete, especificamente, à leitura dos clássicos universais; contudo, suas palavras merecem consideração neste estudo. Segundo a autora, a importância da leitura dos

clássicos nos propicia uma intensa vivência enriquecedora, que é a garantia de um dos grandes prazeres de uma boa leitura, pois:

Os clássicos são aqueles livros que chegam até nós trazendo consigo as marcas das leituras que precederam a nossa e atrás de si os traços que deixaram na cultura ou nas culturas que atravessaram (ou mais simplesmente na linguagem ou nos costumes) (MACHADO, 2002, p. 23).

Coloca-se aqui mais uma das razões por que ler é importante:

Diferentemente do que até há algum tempo se pensava, **a leitura não se constitui em ato solitário**, nem em atividade monológica do **indivíduo**, pois este indivíduo, ao ler um texto, um livro, **interage não propriamente com o texto, com o livro, mas com os leitores virtuais criados pelo autor e também com esse próprio autor**. O texto passa assim a exercer uma mediação entre sujeitos, tendo, pois, a incumbência de estabelecer relações plurais entre leitores reais ou virtuais, que são plurais também, já que **o ato de ler só se dá verdadeiramente entre "um leitor virtual que é constituído no próprio ato da escrita" e um leitor real, na medida em que esse leitor imaginário, criado pelo autor, "dialoga com esse leitor real"**, com esse "leitor que lê o texto e dele se apropria" (ROCCO, 1994, p. 39).

Quando se lê um texto, não se decifra o sentido do texto, mas se atribui a ele o sentido com o qual se enxerga o mundo. A leitura possui capacidade para gerar diversas significações da linguagem e explorar sentidos; apresenta o mundo, o homem, a vida, através da palavra.

Desse modo, através da leitura, há o encontro de vários "eu": o do autor que escreve; o do leitor virtual, para quem o autor escreve; do leitor real que estabelece, desse modo, um diálogo com os outros "eu" e como o seu próprio. A leitura passa aqui a ser vista como espaço de interação, de comunicação a partir do momento em que o leitor toma para si o texto e dele se apropria. Interessante também ressaltar que, a cada apropriação, o leitor não apenas adquire novos saberes sobre o mundo e a realidade, mas sobretudo, ele pode encontrar-se consigo mesmo e é, nesse momento, que pode também arrebentar correntes que o aprisionam, vista dessa maneira a leitura se torna libertária.

O verdadeiro desenvolvimento só nascerá do desenvolvimento cultural de toda a população de cada país. E essa é a grande transformação que poderá salvar o Mundo em que estamos. Esse desenvolvimento cultural (através da leitura)² não virá transformar apenas os sistemas políticos, virá transformar em todos os seus planos e aspectos a nossa vida quotidiana.

Pois a cultura não se fez para estar nos museus, mas sim para estar na vida. **Porque é a cultura que ensina o homem a escolher e construir e criar a própria vida, em vez de a suportar.** (ANDRESEN, 1982).

Visto que a leitura é de suma importância para a formação do cidadão e propicia o ato criador na criança, tem-se que "[...] a leitura reside [...] no fato de permitir à criança superar sua angústia [...] no desenvolvimento de sua imaginação criadora que

² Inserção nossa.

imprime à sua fantasia uma direção nova, que permanece por toda a vida.” (VYGOTSKY, 1982) citado por OLIVEIRA (1996, p. 87).

Entender e usar o texto e/ou informação para alcançar seus objetivos, ampliar seu conhecimento, ir além do que ali se diz, é o que promove a leitura e o que liberta o homem. A formação completa da pessoa, sua emancipação, como um agente consciente, ativo e transformador do meio em que vive.

3. O QUE É LEITURA?

Quando se discute sobre a importância do ato de ler, conseqüentemente a questão sobre o que é leitura já está posta. Contudo, considera-se premente a busca de seu entendimento.

Procurando em dicionário (Holanda, Aurélio Buarque, 2000), encontra-se a definição de leitura como sendo: (1) Ato ou efeito de ler; (2) Arte de ler; (3) Hábito de ler. Percebe-se que tais definições não conseguem abarcar o conceito de leitura, o qual, segundo Rocco (1994), é algo difícil de fazer, visto que a leitura envolve questões de toda ordem.

Segundo Lajolo (2000) e Zilberman (2003), a palavra leitura adquire um sentido mais amplo, pois o homem com a necessidade de se comunicar cria um primeiro vínculo com o ato de ler. Esse é visto como um processo contínuo e como tal não pode ser encarado como uma prática costumeira e sim como novas práticas, não cabendo mais ao leitor apenas decodificar palavras, mas aguçar seu entendimento quanto ao que tem a sua volta, como imagens, sons, heranças e diversidades culturais. Tudo o que permeia a sociedade.

A leitura é uma atividade intelectual eminentemente humana e implica em diversas ações no desenvolvimento social, cultural, emocional e cognitivo, pois quando se lê, desenvolve-se habilidades de reflexão, criticidade e ativa-se a memória quanto aos conhecimentos e vivências anteriores, fazendo com que se possa fazer assimilações e/ou comparação com o novo. O texto passa assim a exercer uma mediação entre sujeitos, tendo pois, a incumbência de estabelecer relações plurais entre leitores.

Freire (1989, p. 27) em *A importância do ato de ler* nos diz que "a leitura do mundo precede a leitura do texto, da palavra". A leitura do texto se insere na leitura do mundo, por isso ao se ler não se pode deixar de ler e interpretar o mundo.

“A leitura é necessariamente uma descoberta de mundo, procedida segundo a imaginação e a experiência individual; cumpre tão-somente que esse processo se viabilize na sua plenitude” (ZILBERMAN, 1988, p. 27).

Desse modo, a leitura da realidade é uma confirmação do sujeito e de sua capacidade de racionalização, da compreensão da realidade em categorias. A leitura da palavra escrita, por conseguinte, instaura-se como uma leitura da representação do mundo. Assim, à tarefa de decodificação se junta a de interpretação, executada por cada indivíduo particularmente, de acordo com suas vivências e imaginação próprias. A aprendizagem da leitura é fundamental para a integração do indivíduo no seu contexto cultural e social, pois sua participação está condicionada ao conhecimento que ele constrói da realidade em que vive.

A leitura além de nos proporcionar conhecimento e sabedoria, é divertimento, prazer e felicidade. Leitura obrigatória, portanto, não promove conhecimento e sabedoria.

Ainda se pode entender a leitura como prazer da descoberta do mundo e de nós mesmos:

Com efeito, a leitura é sempre alguma coisa espantosa: passamos a vida a decifrar, de algum modo, o mundo através das letras, dos livros. Em grau maior ou menor, somos tateadores sobre letras. É por esse tateio que tentamos reconhecer o mundo que nos cerca e a nossa própria face nesse vasto mundo. Vamos dizer que a experiência da leitura é a nossa aventura, a história romanesca em que penetramos pelo simples ato de abrir um livro. Algo do encanto da descoberta infantil permanece sempre nessa experiência: "Et nunc manet in te". Como nesse verso atribuído a Virgílio, algo nos passa e fica. É que ela é, em grande parte também, nossa aventura, nossa felicidade (ARRIGUCCI, 1994, p.19, grifo nosso).

Independentemente da ótica pela qual a leitura é vista e conceituada, não se pode abrir mão do papel do leitor dentro dela. Arrigucci (1994) afirma que “a leitura é um espaço de liberdade e imaginação: é o lugar da aventura”.

Digamos que o que a leitura é capaz de nos dar é algo que acende o desejo, mas não pode preenchê-lo. Ao acender o desejo, ela desperta a vida do espírito, mas não pode substituí-la. A leitura é algo que nos leva ao limiar da vida do espírito, mas não a constitui. Quem deve constituir a vida do espírito é o leitor; ou seja, o leitor deve, de algum modo, inventar, descobrir por si mesmo.” (ARRIGUCCI, 1994, p. 23).

Assim, é no estabelecimento do diálogo entre leitor e leitura que o indivíduo vai se formando, vai inventando, vai criando, vai imaginando, vai criticando e, dentro desse processo, vai se constituindo em pessoa humana, porque a leitura é sempre instrumento de formação e desalienação na relação em que se estabelece entre o “eu” e o outro.

4. A FORMAÇÃO DO LEITOR

Responsável pela difusão do sistema da escrita, no processo da alfabetização, a escola tornou-se a principal disseminadora da leitura. “Por que as famílias enviam seus filhos para a escola? Para muitos propósitos – diríamos, dentre os quais o ‘aprender a ler’ e, em função desse trabalho, o ‘ler para aprender’”. (SILVA, 1998, p. 64).

Desde o século XVIII, há uma constante busca pela eficiência escolar e expansão da leitura como prática, mas, para tal, esta precisa discutir o próprio conhecimento que está sendo transmitido, explicitar conceitos e conteúdos ideológicos.

Geraldi (1987, p. 83) diz que a escola é responsável pela formação de leitores. Principalmente a partir das séries iniciais, ela, para conquistar as crianças, necessita criar condições específicas que facilitem e intensifiquem a aproximação do estudante com o livro.

Para Penteado (1998, p. 87), os professores também desenvolvem um papel primordial no processo aluno-literatura, que não está sendo satisfatório por dois motivos: a falta de preparação e professores não leitores. Seguindo o mesmo pensamento, outra autora explana que:

E não se sabe formá-lo porque também não se sabe o que ele deve formar, isto é, não se tem claro qual é a função da escola no que se refere à competência lingüística que o aluno deve dominar ao abandonar os bancos escolares. (LAJOLO, 1988, p. 29).

Assim, existe uma necessidade de um aprofundamento na teoria do ensino de literatura infantil, já que o texto literário “rompe barreiras entre a escola e a coletividade” (LAJOLO, 1988, p.32). A leitura proporciona à criança o experimentar de sensações e sentimentos, o trabalhar de conflitos, o reorganizar o seu mundo afetivo e intelectual e, apesar da pouca idade, o defrontar-se com questões complexas da realidade (egoísmo, fraternidade, competição, etc.), o tomar de posições, o fazer escolhas, além do informar-se sobre o mundo.

A literatura infantil, pela dimensão simbólica e do faz de conta estimula, na criança, a imaginação, a fantasia, o sonho, o mágico, a capacidade criadora, o que possibilita o desenvolvimento da maturidade da criança de forma geral. Vygotsky, citado por Penteado (2001, p. 87) diz que a criança supera sua angústia no desenvolvimento de sua imaginação criadora, que imprime a sua fantasia uma dimensão nova que permanece por toda vida.

Com todos os benefícios e prazeres que a leitura nos proporciona, o estímulo e o hábito de ler devem ser trabalhados por todo o período escolar. Mas, infelizmente, parece que a escola, nesse sentido, não está cumprindo o seu papel.

Frases como: *os alunos não gostam de ler! As crianças preferem o computador ao livro!* São uma constante nas falas de professores. Isso tudo, claro que não deixa de ser verdade, como também é verdadeiro que há muitos professores que não gostam de ler; então, motivar os alunos para que eles formem-se leitores fica praticamente impossível.

Mas será que não existe uma maneira de se fomentar o hábito e o prazer da leitura nos alunos? Muito se tem discutido sobre o tema e vários autores, se não dão a resposta categoricamente, encaminham-se para busca de soluções a fim de minimizar o problema. Em relação à formação do leitor, que envolve, a importância do ato de ler e o conceito amplo de leitura, dizem que, sobretudo em aulas de língua materna, um texto não deve ser encarado apenas como um recurso para se trabalhar conteúdos gramaticais ou regras de obediência e de bom comportamento. Ele deve, por mais simples que possa ser, ter um aspecto inovador, que ocupe as lacunas de nosso ser, revelando uma visão original da realidade, de forma que o leitor possa reconhecer o contorno que está inserido; um mundo com o qual convive diariamente, mas desconhece e com o qual pode compartilhar lucros e perdas e gerar inúmeras significações. Pois, ao lermos, desenvolvemos habilidades de reflexão, criticidade e ativamos nossa memória quanto aos conhecimentos e vivências anteriores, fazendo assimilações de afirmação e ou comparação com o novo. Assim, “[...] não lemos um texto que tem sentidos, mas lhe atribuímos o nosso sentido” (POSSENTI, 1994, p. 28)

Para se formar um leitor, vários tipos de textos devem ser ofertados aos alunos: diversos tipos de livros e leituras (imagens, vídeos, músicas, etc.) e não apenas os clássicos ou aqueles livros prescritos pelos vestibulares, já que hoje, percebe-se que a atividade da leitura deixou de ser feita apenas em casa e nas escolas e passou a ser realizada também em espaços públicos (filas de bancos, *outdoors*, panfletos, bancas de jornais), uma vez que o *homem é rodeado de palavras por todos os lados*.

Ao promover a leitura o educador tem de buscar as variadas interpretações dos seus alunos, porque decorrem da compreensão que eles, enquanto leitores, alcançaram sobre o tema abordado, e não fazer observações que limitem essas compreensões, mas direcioná-las para o correto entendimento da mensagem transmitida.

A leitura pode ser ainda associada a outras disciplinas, como, por exemplo, a educação artística, em que o aluno pode representar o que entendeu da leitura, em forma de criação de músicas, teatro, confecção de personagens com sucatas, etc.

A leitura para o aluno tem que ser uma forma de divertimento, um prazer, que lhe traga conhecimento de si mesmo e sabedoria, não podendo ser imposta pelo professor. Esse precisa buscar métodos variados para trabalhá-la num primeiro momento; depois ele pode até indicar leituras outras que fazem parte do patrimônio cultural.

Quer se deixar registrado que este estudo não quer passar regras ou receitas para que o professor, principalmente o de português, saiba como formar leitores, ele é sobretudo, baseado em outros autores, uma maneira para que se possa abrir um leque maior quanto a um tema tão importante.

Para Brito (1994, p.48), há várias técnicas para se incentivar a leitura, para se fugir da rotina de sala de aula, como antecipar da leitura, quebrar a expectativa, criar hipóteses, imaginar possibilidades, supor desenlaces de uma história ou dissertação que esteja lendo, partir para temas individuais e questionamentos que fazem com que o aluno sinta e descubra o seu “eu”.

Desejamos formar leitores questionadores, capazes de se situar conscientemente no contexto social e, ao mesmo tempo, capazes de acionar processos de leitura, praticados e aprendidos na escola, no sentido de participar da conquista de uma convivência social mais feliz e menos injusta para todos. Em princípio então, educar e promover um tipo de leitor que não se adapte ou se ajuste inocentemente à realidade que está aí, mas que, pelas práticas de leitura, participe ativamente da transformação social.³ (SILVA, 1988, p. 64).

5. A CRISE DA LEITURA

Para se falar em crise da leitura, devem-se levar em consideração três aspectos: o histórico, o político e o cultural.

No que concerne ao aspecto histórico, tem-se que o interesse pelo tema *Leitura* ocorreu na década de 70, quando houve a democratização do ensino. Nesse período, percebeu-se que os jovens não utilizavam os livros oferecidos pelo governo.

Zilberman (1988, p. 150), em seu artigo *Leitura: História e Sociedade*, afirma que o século XVIII é marcado pela conversão da educação como projeto coletivo. Como seus primeiros agentes, temos os religiosos, que possuíam o maior contingente de pro-

³ Grifo nosso.

fessores e, na disputa de poder, os burgueses, que organizaram a aquisição de saber em graus que se acenderam progressivamente.

Com a Revolução Industrial e o avanço da tecnologia (impressão e reprodução mecânica), houve aumento da tiragem, acréscimo do volume de vendas, apresentação de diferentes formas e gêneros textuais, popularizando a leitura, mas não de modo semelhante, devido a preferências e disponibilidade econômica e intelectual. Surgiram focos de interesse: o romance dirigido às mulheres; jornais, aos homens de negócio; e literatura, para as crianças.

A poesia lírica e a novela, criações literárias já conhecidas, abriram espaço para o surgimento de outros modelos de textos literários, a literatura infantil, folhetins, cartazes e a reformulação de contos e narrativas de aventura.

Lajolo (2000) e Zilberman (2003) dizem que, no Brasil, o consumo de material impresso sempre foi baixo, considerando o reduzido poder aquisitivo da população e a alta taxa de analfabetismo. Mostram, assim, a pouca relevância que se deu, historicamente, à leitura.

O sistema de ensino precisou então ser expandido, tornou-se obrigatório, valorizou-se a obtenção de resultados eficientes; com isso, a escola adquiriu *status* de instituição.

As mesmas autoras apontam também índices, dizendo que, mesmo com o tempo passado dentro da escola, em média 8 anos na educação básica, e também com a diminuição da taxa de analfabetismo para 8% (INAF/2003) dos jovens até 15 anos, ainda hoje, apenas 25% da população dominam a leitura, 30% estão no nível 1 de Letramento e 37% encontram-se no nível 2 de Letramento. A descoberta do código escrito pelo indivíduo letrado é mediado por significações dos diversos tipos de discursos, que amplia seu campo de leitura através da alfabetização. Acreditava-se que a criança era inserida no mundo da leitura somente ao ser alfabetizada, no entanto, a concepção de letramento leva em conta toda a experiência com leitura que a criança tem, antes mesmo de ser capaz de ler os signos escritos. Paulo Freire (1984) afirma que, na verdade, o domínio sobre os signos lingüísticos escritos, mesmo pela criança que se alfabetiza, pressupõe uma experiência social que o precede – a da 'leitura' do mundo.

Em relação ao aspecto político, as autoras afirmam que o poder político ampliou o acesso à escola, elevando quantitativamente o público leitor, mas, em contra-

partida, houve um decréscimo do interesse por livros. Assim, delegou-se, então, para a escola o dever da introdução à leitura e do estímulo à aquisição de livros.

Com isso, Lajolo (2000) e Ziberman (2003) fazem uma crítica dizendo que, apesar das tentativas, houve ausência de uma política cultural, por parte do governo e, se anteriormente vivíamos em uma cultura oral, passou-se hoje à mídia eletrônica, sem um trabalho efetivo com a leitura.

Geraldi (1988, p. 80), diz que os docentes estão afastados do livro e das bibliotecas, de acordo com o autor “para quem ensina a ler, para quem tem por obrigação formar leitores, inexistem condições sociais de leitura” (GERALDI, 1988, p. 82). Assim, o que hoje se presencia são professores que, muitas vezes, trabalham em duas ou três escolas, que têm, por conta de conseguir a sobrevivência, um número excessivo de aulas e de alunos em sala de aula; e não se pode esquecer os baixos salários que não permitem a aquisição de novos livros. Diante disso, parece um pouco difícil que a prática efetiva da leitura na escola consiga ser efetivada, ou seja, muitas vezes, aqueles que ensinam a ler, não são leitores. Este é um ponto importante e que deve ser levado em consideração quando se trata da promoção do hábito de leitura na escola.

Outro aspecto que se quer ressaltar diz respeito ao livro didático, sabe-se hoje que ele é o principal agente no processo de educação da grande maioria da população brasileira. A sua influência se estende sobre o leitor-aluno, que permanecerá em contato com ele durante um extenso período de sua formação. Mais que ao aluno-leitor, sabe-se também que a influência dele se estende sobre o professor, que, em muitos casos, além de se servir do livro didático como única fonte de conhecimento, sofre dele todo um condicionamento metodológico durante toda sua experiência profissional. Quando visto dessa maneira, o livro didático assume um papel que ultrapassa seus limites – o de ser instrumento para o professor na dinâmica de suas aulas. Ao exceder essa linha de demarcação, o seu uso absoluto pode ser encarado como ponto dificultador no processo de formação do hábito da leitura, pois nesse caso, o livro didático pode ser considerado como instrumento de desestímulo e alienação. Desestímulo porque o aluno, acostumado com textos mais curtos, com perguntas que nem sempre valorizam a criticidade, podem se sentir desencorajado a prosseguir em qualquer formação que exija esse hábito e a alienação advém do fato de que quem não lê, está à mercê de toda sorte de manipulação.

Entretanto, apesar das dificuldades, a escola deve retomar o processo de leitura considerando a forma como ela vem sendo desenvolvida e criar condições especiais,

que facilitem e intensifiquem a aproximação com o livro, tornando as bibliotecas atraentes e com atividades constantes, de maneira a seduzir e despertar o interesse dos alunos pelo mundo da leitura.

Promover políticas permanentes, investir em programas coordenados e interministerial, articular ações, disseminar outras linguagens (formas de expressão) são ações que devem ser colocadas em prática para que se possa formar leitores fiéis e indivíduos aptos a desenvolver plenamente suas capacidades, advindas do ato de ler.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste artigo pôde-se concluir que o trabalho com a leitura dentro dos muros escolares encontra grandes obstáculos que perpassam várias instâncias, dentre as quais se pode colocar no topo da pirâmide o sistema político educacional, que não oferece incentivos à produção e divulgação de livros para o acesso da maioria da população e nem condições adequadas para a formação do professor, dificultando o seu trabalho. O docente, ainda há de se considerar, por vezes, se acomoda diante do sistema educacional precário e também de sua má formação. Sabe-se que somente o que se aprende na universidade não dá conta de suprir a necessidade do aluno, visto que se está vivendo em um tempo globalizado, momento em que a produção de conhecimento é intensa. Assim, o professor precisa sempre estar em estado de atualização, quer seja por iniciativa governamental, quer seja por necessidade pessoal.

Contudo, não se pode deixar que os obstáculos sejam maiores que a vontade de transformação. Silva (1988, p. 65) declara que é principalmente no espaço da escola que as expressões *'aprender a ler'* e *'ler para aprender'* ganham o seu verdadeiro significado, apontando, inclusive, os efeitos que devem ser conseguidos pelo trabalho pedagógico na área de formação e preparo de leitores. Para ele, "um dos objetivos básicos da escola é o de formar o leitor crítico da cultura" - cultura que está dentro de qualquer tipo de linguagem, verbal e/ou não-verbal [...].

Assim, à escola não cabe apenas trabalhar a leitura como forma de decifrar códigos, mas está em suas mãos transcender a mecânica da leitura para produzir a expansão de valores e do auto conhecimento.

A leitura tem de ser *encarada de frente* pela escola e por seus professores, não pode vista apenas como forma de instrução e lazer, ela tem de ganhar dimensões mais amplas e importantes, pois além de proporcionar a aquisição do conhecimento, atual-

mente é uma maneira de esclarecer e situar o indivíduo num contexto histórico, social e cultural, tornando-o consciente, produtivo e ativo em sociedade. E, retomando o que já se disse neste estudo, a leitura tem de ser vista como meio de desalienação, pois quem não lê acaba por alienar-se de diversas fontes de informação e, por causa disso, pode tornar-se presa fácil para toda forma de manipulação.

E a leitura não é manipulação ou alienação, ela é sim libertação.

REFERÊNCIAS

- ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. **A cultura não se faz para os museus**. In: **O Estado de São Paulo**, 6/.6./1982.)
- ARRIGUCCI, Davi Junior. Leitura: ente o fascínio e o pensamento. **Série Idéias**, n. 13. São Paulo: FDE, 1994. p.19-24.
- BRITO, Luiz Percival Leme. Jogos de leitura. **Série Idéias**, n. 13. São Paulo: FDE, 1994. p. 47-58.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 1989.
- GERALDI, João Wanderley. A leitura na sala de aula: as muitas faces de um leitor. **Série Idéias**, n. 5. São Paulo: FDE, 1988. p. 79-84.
- HOLANDA, Aurélio Buarque. **Dicionário**. São Paulo: Nova Fronteira, 2000.
- LAJOLO, Marisa. A formação do professor e a literatura infanto-juvenil. **Série Idéias**, n. 5. São Paulo: FDE, 1988. p. 29-34.
- LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para leitura do mundo**. 6 ed. São Paulo: Ática, 2000.
- MACHADO, Ana Maria. **Como e por que ler os clássicos universais desde cedo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.
- OLIVEIRA, M. Alexandre. **Leitura prazer: interação participação da criança com a Literatura Infantil na escola**. São Paulo: Paulinas, 1996.
- PENTEADO, Heloisa D. O. **Pedagogia da Comunicação**. São Paulo: Cortez, 1998.
- POSSENTI Sírio. Pragas da leitura. **Série Idéias**, n. 13. São Paulo: FDE, 1994. p. 27-33.
- ROCCO, Maria Thereza Fraga. A importância da leitura na sociedade contemporânea e o papel da Escola nesse contexto. **Série Idéias**, n. 13. Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, 1994.
- SILVA, Ezequiel Theodoro da. A leitura no contexto escolar. **Série Idéias**, n. 5. São Paulo: FDE, 1988. p. 63-70.
- _____. **Leitura e realidade brasileira**. 4.ed. Porto Alegre: Mercado Aberto (Série Novas Perspectivas) 1988, 104 p.
- ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 11. ed. São Paulo: Global, 2003.